

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
DEPARTAMENTO DE EXTENSÃO RURAL E EDUCAÇÃO AGRÍCOLA  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM AGRICULTURA FAMILIAR  
CAMONESA E EDUCAÇÃO DO CAMPO**

**AVALIAÇÃO DA PRÁTICA EXTENSIONISTAS COM  
ENFOQUE NA PRODUÇÃO LEITEIRA NO  
ASSENTAMENTO NOVA ALIANÇA EM  
TUPANCIRETÃ**

**MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO**

**Rodrigo Bertoni Cidade**

**Santa Maria, RS, Brasil.**

**2011**

**AVALIAÇÃO DA PRÁTICA EXTENSIONISTAS COM  
ENFOQUE NA PRODUÇÃO LEITEIRA NO ASSENTAMENTO  
NOVA ALIANÇA EM TUPANCIRETÃ**

**Rodrigo Berttoni Cidade**

Trabalho de monografia apresentado ao Curso de Especialização em  
Agricultura Familiar Camponesa e Educação do Campo/Residência  
Agrária, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS),  
como requisito parcial para obtenção do grau de  
**Especialização.**

**Orientador: Prof. Dr. Pedro Selvino Neunmman**

**Santa Maria, RS, Brasil.**

**2011**

**Universidade Federal de Santa Maria  
Centro de Ciências Rurais  
Curso de Especialização em Agricultura Familiar  
Camponesa e Educação do Campo**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada,  
aprova a Monografia de Especialização

**AVALIAÇÃO DA PRÁTICA EXTENSIONISTAS COM ENFOQUE  
NA PRODUÇÃO LEITEIRA NO ASSENTAMENTO  
NOVA ALIANÇA EM TUPANCIRETÃ**

elaborado por  
**Rodrigo Berttoni Cidade**

como requisito parcial para obtenção do grau de  
**Especialista em Agricultura Familiar  
Camponesa e Educação do Campo**

**Comissão examinadora:**

---

**Pedro Selvino Neunmman, Dr. (UFSM)**  
(Presidente/Orientador)

---

**Clayton Hillig, Dr. (UFSM)**

---

**Paulo Roberto Cardoso da Silveira, Ms. (UFSM)**

Santa Maria, Agosto de 2011.

## RESUMO

Monografia de Conclusão de Curso  
Curso de Especialização em Agricultura Familiar  
Camponesa e Educação do Campo  
Projeto Residência Agrária  
Convênio PRONERA/INCRA  
Universidade Federal de Santa Maria

### **AValiação da Prática Extensionistas com Enfoque na Produção Leiteira no Assentamento Nova Aliança em Tupanciretã**

Autor: Rodrigo Berttoni Cidade  
Orientador: Dr. Pedro Selvino Neunmman  
Data e Local da Defesa: Santa Maria, Agosto de 2011.

A presente monografia considera dois grandes eixos: a evolução da luta pela reforma agrária e os processos de construção do conhecimento utilizados pela assessoria técnica. Tem como intenção avaliar as diferentes práticas utilizadas pela extensão rural e fazer a contextualização sobre os potenciais e limitantes encontrados na aplicação de ferramentas metodológicas no trabalho realizado com as famílias do assentamento Nova Aliança localizado no município de Tupanciretã-RS, que possui atualmente 17 assentamentos rurais chegando a 700 famílias assentadas aproximadamente. A história dos assentamentos no Estado do Rio Grande do Sul revela que o acesso a terra possibilita geração de emprego e renda, moradia, alimentação, escola e melhoria na qualidade de vida das famílias beneficiadas, mas também mostra que as transformações sociais no campo apontam a necessidade de profissionais capazes de compreender as diferentes realidades do povo. Sinaliza para um processo de desenvolvimento rural sustentável, fundado na democratização do acesso à terra e na potencialização da capacidade humana em tornar produtiva a estrutura fundiária. Nesta perspectiva, a assistência técnica à agricultores familiares e camponeses, considerada como uma política de governo fundamental para o desenvolvimento justo do campo, vem buscando a construção de metodologias participativas, capacitando os agentes extensionistas a irem além do domínio das técnicas, tornando-os educadores, na tentativa de fazer o *“aprendido tornar-se apreendido”*. O trabalho realizado teve sempre um aspecto dialógico, sendo reafirmado passo a passo, criando uma seqüência que contou com visitas individuais para sensibilização, curso, dia de campo, e reuniões bimestrais, palestras, entrevistas semi-estruturadas, discussão avaliação e considerações finais.

**Palavras-chave:** Reforma Agrária. Extensão Rural. Construção do conhecimento. Assessoria Técnica. Desenvolvimento sustentável.

## ABSTRACT

Monografia de Conclusão de Curso  
Curso de Especialização em Agricultura Familiar  
Camponesa e Educação do Campo  
Projeto Residência Agrária  
Convênio PRONERA/INCRA  
Universidade Federal de Santa Maria

### **EXTENSIONAL METHODOLOGIES EVALUATION CONCERNING DAIRY IN THE NOVA ALIANÇA SETTLEMENT OF TUPANCIRETÃ.**

Author: Rodrigo Berttoni Cidade

Advisor: Dr. Pedro Selvino Neunmman

Date and place of defense: Santa Maria, August, 2011.

This thesis considers two main areas: the evolution of the struggle for agrarian reform and the process of knowledge construction technique used by the accessory. It intends to evaluate the different methods used by the extension and make the background on the potential and limiting factors encountered in the implementation of methodological tools in work with families of the Nova Aliança settlement in the city of Tupanciretã-RS, which currently has 17 rural settlements reaching approximately 700 families settled. The history of settlements in the state of Rio Grande do Sul shows that access to land provides employment and income generation, housing, food, school and improvement in quality of life of the beneficiaries, but also shows that the social transformations in the field point to need for professionals capable of understanding the realities of different people. It leads to a process of sustainable rural development, based on the democratization of access to land and the potentiation of the human capacity to make productive land structure. In this regard, technical assistance to small farmers and peasants, regarded as a key government policy for the equitable development of the field, has been pursuing the construction of participatory methodologies, training extension agents to go beyond the mastery of techniques, making them educators in an attempt to make the "learned to become seized." The work has always been a dialogical aspect reaffirmed step by step creating a sequence which included visits to individual awareness, course, field day, and bimonthly meetings, lectures, semi-structured interviews, discussion and final assessment.

**Keywords:** Agrarian Reform. Rural Extension. Construction of knowledge. Technical Advisor. Sustainable Development.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Localização do município de Tupanciretã no Estado do Rio Grande do Sul. (INCRA/RS, 2008).....	15
Figura 2 – Mapa de aptidão de uso agrícola das terras do assentamento Invernada das Mulas/Nova Aliança .....	19
Figura 3 – Reunião inicial de trabalho .....	23
Figura 4 – Curso do leite- Palestra sobre a pedogênese do solo, orientação de manejo e saída a campo. ....	25
Figura 5 – Curso do leite abordando o tema sobre o Pastoreio Racional Voisin.....	26
Figura 6 – Articulação do dia de campo com as famílias do assentamento Nossa Senhora da Conceição.....	26
Figura 7 – Dia de campo- palestra e discussão sobre manejo de ordenha.....	27
Figura 8 – Demonstração sobre o monitoramento de mamites e cuidados com a ordenha .....	28
Figura 9 – Dia de campo - Pastagem perene de tifton plantada a 6 meses .....	29
Figura 10 – Dia de campo - Pastagem plantada a 6 anos e manejada com piqueteamento.....	29
Figura 11 – Dia de campo - Aquisição de mudas.....	30
Figura 12 – Reunião pra definição dos temas .....	31
Figura 13 – Palestra e debate sobre o manejo da vaca em lactação.....	33
Figura 14 – Palestra e debate sobre PRV e custos implantação .....	34

## LISTA DE QUADRO

Quadro 1 – Atividade realizada, n° de participantes, local e data. ....34

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

MST	– Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
INCRA	– Instituto Nacional de Colonização E Reforma Agrária
IBGE	– Instituto Brasileiro de Geografia E Estatística
MAB	– Movimento Dos Atingidos Por Barragens
COPERTERRA	– Cooperativa Regional da Reforma Agrária Mãe Terra Ltda
PRA	– Plano de Recuperação do Assentamento
CIP	– Comissão Interministerial de Preços
CMT	– Califórnia Mastite Teste
COPTec	– Cooperativa de Prestação de Serviços Técnicos Ltda
PRV	– Pastoreio Racional Voisin
PRONAF	– Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar.
ATES	– Assistência Técnica e Social



## **LISTA DE ANEXOS**

ANEXO 1 – Perguntas norteadoras da entrevista semi-estruturada .....	44
--	----

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>2. CARACTERIZAÇÃO DO LOCAL DE ESTUDO .....</b>	<b>14</b>
2.1 Caracterização do município .....	14
2.2 Breve Histórico da reforma agrária na Região .....	16
2.3 Caracterização do assentamento Nova Aliança .....	17
<b>3 CARACTERIZAÇÃO DO TRABALHO DE ATES NA ATIVIDADE LEITEIRA .....</b>	<b>20</b>
3.1 A bovinocultura leiteira dos assentamentos.....	20
3.2 O método de Trabalho com as famílias .....	21
3.3 As visitas de Sensibilização .....	22
3.4 A reunião para início do Trabalho .....	22
3.5 O Curso sobre a atividade Leiteira.....	24
3.6 O Dia de Campo .....	26
3.7 A Reunião de planejamento.....	30
3.8 As Reuniões Bimestrais.....	32
<b>4 DISCUSSÃO E AVALIAÇÃO DOS MÉTODOS EXTENSIONISTAS .....</b>	<b>35</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>39</b>
<b>REFERENCIAS.....</b>	<b>41</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>43</b>

# 1 INTRODUÇÃO

A presente monografia considera dois grandes eixos: a evolução da luta pela reforma agrária e os processos de construção do conhecimento utilizados pela acessória técnica.

A luta pela terra no Brasil nasceu no instante em que os portugueses perceberam que estavam em uma terra sem cercas, onde encontravam tudo muito disponível. Os habitantes do local, então, diante de armas e intenções nunca imaginadas, teriam muito que lutar contra esse verdadeiro caso de invasão.

De acordo com José de Souza Martins<sup>1</sup>, a “questão agrária” surge no Brasil em meados do século XIX, com o processo de abolição da escravidão e a Lei de Terras de 1850<sup>2</sup>, ou seja, esta questão está na própria constituição do Estado republicano brasileiro. Esta lei permitiu a consolidação de um regime de propriedade que impediu o acesso à terra àqueles que não podiam comprar, forçando os pobres livres, inclusive os imigrantes europeus, a trabalhar para os grandes proprietários. (SAUER, 2007).

Os problemas sociais do campo no Brasil foram agravados com o processo de intensa modernização da agricultura ocorrido nas últimas décadas. Esse modelo de produção, com base nas concentrações de terra, promoveu a exclusão das famílias camponesas, agravando as desigualdades sociais no país (STÉDILE & FREI SÉRGIO, 1993).

Assim, os problemas fundiários, desde os tempos do Brasil Colônia, fizeram com que os camponeses se organizassem de diferentes formas com o objetivo de continuar na terra e dela garantir sua sobrevivência com dignidade.

O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) foi oficialmente fundado em 1984 no Brasil, tendo como conjuntura três pilares fundamentais: a contínua busca pela terra como garantia a sobrevivência; a realização de uma reforma agrária capaz de mudar a estrutura fundiária e que incluía políticas agrícolas adequadas ao campesinato e a busca por uma sociedade mais justa,

---

<sup>1</sup> José de Souza Martins é doutor em Sociologia pela Universidade de São Paulo, professor titular aposentado do Departamento de Sociologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP) foi professor titular da Cátedra Simón Bolívar da Universidade de Cambridge, Inglaterra, (1993/1994) e membro de Trinity Hall. Foi professor visitante da Universidade da Flórida (EUA) e da Universidade de Lisboa.

<sup>2</sup> Por essa lei só poderia ter terra quem a comprasse ou legalizasse as áreas em uso nos cartórios, mediante o pagamento de uma taxa para a Coroa. (MORISSAWA, 2001).

através de uma reorganização política e social do povo (STEDILE & FREI SÉRGIO, 1993).

Cerca de 913 mil famílias foram assentadas pela Reforma Agrária, até o ano de 2006 ( GIRARDI, 2009), distribuídas em 7.666 assentamentos no Brasil. Somente o Rio Grande do Sul possuía, até 2008, cerca de 12.300 famílias assentadas em 321 assentamentos distribuídos em 91 municípios gaúchos (INCRA, 2008). Estas áreas dos assentamentos estão sob responsabilidade do INCRA, órgão executivo de Política Fundiária e Reforma Agrária do Brasil.

As transformações sociais no campo apontaram a necessidade de profissionais capazes de compreender as diferentes realidades do povo, diferente da prática tradicional dos técnicos vinculados aos serviços oficiais de Extensão Rural.

Era necessário quebrar o paradigma da extensão rural como o principal veículo para impulsionar a industrialização e a tecnificação agrícola por meio da “Modernização Agrícola” implantada nos países em desenvolvimento, desde os anos 1950. A extensão foi um componente importante dos programas e projetos de desenvolvimento agropecuários, baseados no aumento da produção e da produtividade a qualquer custo econômico, cumprindo um papel estratégico nestes países a partir dos interesses dos organismos internacionais e das corporações multinacionais dos Estados Unidos e Europa Ocidental (Guterres, 2006).

Este modelo de produção agrícola imposto aos países em desenvolvimento, e ao qual esteve inserida a extensão rural difusionista, trouxe prejuízos no âmbito social, ambiental e cultural para o campesinato brasileiro. Os enfoques de desenvolvimento rural nas décadas de 60 e 70 se baseavam na transferência de tecnologias e na ausência de participação dos supostos beneficiários. A transferência tecnológica já mostrava seu esgotamento no final da década de 70, levando muitos à defesa de uma mudança radical nas estratégias de desenvolvimento rural.

Tornou-se imprescindível conceber novas estratégias para a Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER), que, conforme Guterres (2006) gerassem respostas concretas aos desafios do campesinato no Brasil, não mais como um veículo de transmissão de resultados de pesquisas tecnológicas até os agricultores, mas como um instrumento para fortalecer a capacidade de auto-aprendizagem das famílias camponesas para a autogestão dos agroecossistemas e das comunidades rurais, buscando um desenvolvimento rural sustentável.

Nesta perspectiva, a assistência técnica à agricultores familiares e camponeses, considerada como uma política de governo fundamental para o desenvolvimento justo do campo, vem buscando a construção de metodologias participativas, capacitando os agentes extensionistas a irem além do domínio das técnicas, tornando-os educadores, na tentativa de fazer o *“aprendido tornar-se apreendido”*, como afirma Paulo Freire (FREIRE, 1979).

Sendo uma das bandeiras do MST, a assistência técnica tem como objetivo o apoio na implantação de um novo modelo de agricultura baseada nas relações de respeito com os camponeses e com sua cultura, reconhecendo a capacidade organizativa dos movimentos rurais e seus conhecimentos tradicionais, bem como estimulando a aplicação de técnicas de produção sustentáveis, voltadas para a transição agroecológica.

A história dos assentamentos no Estado do Rio Grande do Sul revela que o acesso a terra possibilita geração de emprego e renda, moradia, alimentação, escola e melhoria na qualidade de vida das famílias beneficiadas (INCRA/RS, 2008). No entanto, vários são os desafios encontrados por essas famílias nos Projetos de Assentamentos. Em sua maioria, os locais destinados a reforma agrária tem pouca tradição na agricultura de base familiar, dificultando a viabilidade produtiva dos assentamentos. Também é preciso compreender que estas famílias são oriundas da exclusão e privação social, onde o histórico de baixa escolaridade dificulta o domínio de técnicas produtivas.

A imagem equivocada gerada pela criminalização dos movimentos sociais também torna lento e penoso o processo de inclusão social e econômica na sociedade local. Nestas condições desfavoráveis, é fundamental que as famílias recebam apoio técnico qualificado, de forma que construam referenciais sociais, produtivos e tecnológicos ajustados ao novo ambiente, e que respeitem os recursos naturais locais, aperfeiçoem o trabalho na atividade de produção e elevem o nível de conhecimento técnico, através da apropriação compartilhada com outros agricultores e entre os próprios beneficiados (INCRA/RS, 2008). Sinaliza-se para um processo de desenvolvimento rural sustentável, fundado na democratização do acesso à terra e na potencialização da capacidade humana em tornar produtiva a estrutura fundiária.

Desta maneira a presente monografia pretende avaliar os diferentes métodos utilizados pela extensão rural e fazer a contextualização sobre os potenciais e

limitantes encontrados na aplicação de ferramentas metodológicas no trabalho realizado com as famílias do assentamento Nova Aliança em Tupanciretã.

O trabalho realizado teve sempre um aspecto dialógico, sendo reafirmadas passo a passo, criando uma seqüência que contou com visitas individuais direcionadas para sensibilização, curso, dia de campo, e reuniões bimestrais, palestras, entrevistas semi-estruturadas, discussão avaliação e considerações finais.

## 2. CARACTERIZACAO DO LOCAL DE ESTUDO

### 2.1 Caracterização do município

A noite chegava, e com ela o pânico e o terror. Quando a desorientação desesperava o padre e os poucos índios companheiros, um relâmpago lhes mostrou na fímbria do horizonte, em plena noite, um vulto mal definido. A silhueta que os relâmpagos mostravam, perto, era a imagem da madona exposta ao furor da tempestade, que arrebatara da capela pequenina a cobertura frágil. O sacerdote, cheio de alegria cristã, exclamou: “tupan-ci”. E os índios, aterrorizados, repetiram: “tupan-ci-retan”, que na língua indígena quer dizer: tupan= deus, cy= mãe, e retan = terra, ou seja, “terra da mãe de deus.”<sup>3</sup>

O território hoje conhecido como Tupanciretã foi povoado pelos índios charruas, minuanos, guaranis e, posteriormente, imigrantes de origem polonesa. Com a fundação das missões Jesuíticas, foi estabelecido que os índios ficassem numa fazenda, na coxilha grande, imediações das nascentes dos rios Caneleira e Ijuí, que ficou pertencendo à redução de São João. Com a retirada dos jesuítas, os índios foram expulsos do território que se transforma em espaço de latifúndio patronal.

O município de Tupanciretã está localizado na região central do Rio Grande do Sul, a aproximadamente 389 km de Porto Alegre. Sua sede está a 465 m de altitude e suas coordenadas geográficas são 29°04'51.6" de latitude Sul e 53°50'9,6" de longitude Oeste. Na divisão fisiográfica do Estado (Fortes, 1979), enquadra-se na região Planalto Médio (INCRA/RS 2008).

---

<sup>3</sup> Extraído do sitio oficial da Prefeitura Municipal de Tupanciretã.([www.tupancireta.rs.gov.br](http://www.tupancireta.rs.gov.br)).

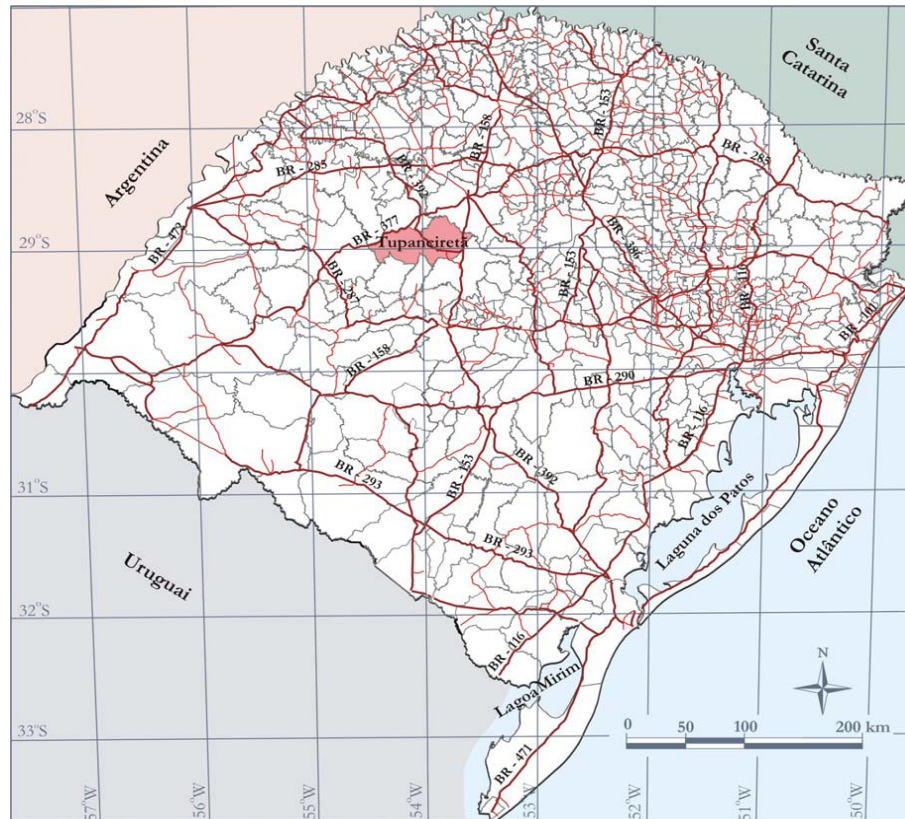


Figura 1 – Localização do município de Tupanciretã no Estado do Rio Grande do Sul. (INCRA/RS, 2008).

Fonte: Google imagens.

Org: CIDADE, Rodrigo, 2011.

O município de Tupanciretã foi emancipado em 21 de dezembro de 1928, pelo decreto estadual 4.201, assinado pelo presidente do Estado do Rio Grande do Sul, Getúlio Vargas. É originário das reduções jesuíticas e desmembrou-se dos municípios de Cruz Alta e Júlio de Castilhos.

Após a emancipação, o município continuou a ter perfil econômico baseado em grandes “estâncias” e, durante certo tempo tendo como parte do seu desenvolvimento, a industrialização de derivados da carne voltada para a exportação. Neste período, a industrialização da carne chegou a efetuar um abate diário de 1.000 cabeças de gado e empregando em torno de 3.000 funcionários. Mas com o passar do tempo, com a atividade pecuária sofrendo problemas devido a fatores econômicos, (baixa do preço dos bovinos, embargos sanitários, e também a substituição da carne bovina por outras ex: aves e suínos), estas “estâncias” foram vendidas para agricultores que implantaram no município a plantação de soja em



grandes áreas. Atualmente, a produção de soja define o perfil da economia do município, sendo considerado o maior produtor de soja do RS.

De outro lado, verifica-se a existência de um grande número de agricultores camponeses oriundos dos processos da reforma agrária ou mesmo da agricultura familiar que são responsáveis pela diversificação da produção agrícola e animal. Merece destaque a intensificação da atividade leiteira ocorrida nos últimos anos com implantação dos projetos de assentamentos no município e organização da produção de forma cooperativada, impulsionando a renda familiar e o comércio local. Segundo o IBGE apud INCRA (2008), em 2006 foram ordenhadas 2.300 vacas que produziram 5 milhões de litros, correspondendo à 16,2% da produção total da microrregião

Já na área urbana, o que predomina no município é o comércio com atividades de varejo, com vendas de produtos alimentícios, vestuário, eletrodomésticos, combustíveis, materiais de construção, produtos agropecuários e de uso veterinário, farmácias/drogarias e outros de menor expressão, instituições financeiras, empresas de comercialização de grãos e empresas de serviços.

## **2.2 Breve Histórico da reforma agrária na Região**

Na região de Tupanciretã, denominada pelo MST de regional Paulo Freire, a luta contemporânea pela reforma agrária teve início junto à origem do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, na década de oitenta.

O primeiro assentamento do município foi o Nossa Senhora Aparecida, criado em 1985, sendo as famílias originárias do acampamento de Herval Seco, um dos primeiros acampamentos da história do MST, que também deu origem ao assentamento Bela Vista, em Jari. Estes assentamentos marcaram o início da reforma Agrária no estado do Rio Grande do Sul, ainda no período da ditadura civil-militar no Brasil.

Após alguns anos de pausa, a luta fez valer mais dois assentamentos na região, o primeiro pela desapropriação da área da hidrelétrica do Passo Real em 1989, sendo as famílias reassentadas na divisa de Tupanciretã e Jóia. O outro assentamento, no início da década de 90, foi o Assentamento Nova Tupã, as

famílias originadas do acampamento Pinheirinhos em Cruz-Alta, onde aconteceu o massacre da Fazenda Santa Elmira. No período da implantação deste assentamento foi importante a solidariedade do assentamento Nossa Senhora Aparecida II uma vez que o preconceito de classe e o poder do latifúndio eram marcantes na cidade.

Em 1995, o acampamento de Palmeira das Missões foi mobilizado e em marcha cruzou por Tupanciretã e ocuparam a fazenda Rondinha em Jóia, hoje assentamento Rondinha. Estas famílias ficaram acampadas três dias em São Bernardo/ Santa Tecla distrito de Tupanciretã. Neste mesmo ano, iniciou-se também a luta pela reforma agrária dos acampados no município denominados de “municipários”.

A primeira ocupação de terras feita pelo MST em Tupanciretã foi em 1997 por 1.800 famílias (entorno de 3.000 pessoas) do acampamento de Julio de Castilhos que ocuparam a Fazenda Guabiju. Deste espaço de luta saíram quarenta pessoas que acompanharam a Marcha Nacional do MST à Brasília.

Em 1998 foi o início do Assentamento Santa Rosa, o maior de Tupanciretã, com 129 famílias oriundas de 60 municípios e provenientes da ocupação feita em 1997 pelo MST. Neste mesmo ano, foram implantados também os assentamentos Invernada das Vacas, Mãe de Deus, Nova América, São Francisco, São Domingos.

A partir do ano de 2000, a luta pela reforma agrária no estado se intensifica. No município foram implementados os assentamentos Nossa Senhora da Conceição, Nova Aliança, Conquista da Esperança e Nova Várzea, estes do sob organização do MST; e os reassentamentos Por do Sol e Cachoeira organizados pelo MAB.

Tupanciretã que se caracteriza pelo latifúndio e a monocultura da soja atualmente conta com a existência de dezessete assentamentos, aproximadamente 700 famílias assentadas, 60% da população do meio rural, representando apenas 6% da área de Tupanciretã.

### **2.3 Caracterização do assentamento Nova Aliança**

As famílias que hoje fazem parte do assentamento Nova Aliança vieram do acampamento no município de Jóia que se formou em 1998, na área do

assentamento Rondinha. Neste período foi realizada uma ação onde os integrantes do acampamento ocuparam a fazenda Guabiju. Depois dessa ocupação saíram em marcha até a cidade de Viamão, onde se formou um grande acampamento a partir da união com famílias oriundas do acampamento da cidade de Piratini, formando então o acampamento de Viamão com aproximadamente 2.800 famílias. As famílias que atualmente formam o assentamento se organizaram em vários grupos e se dividiram em vários acampamentos que existiam no estado. Quando houve a ação de ocupação, onde hoje é o assentamento, estas famílias se reencontraram no ano de 2001.

Logo após a ocupação, as famílias receberam a ordem de sair da área para que esta fosse desapropriada, saíram e fizeram outro acampamento às margens da área que atualmente é o assentamento. Ficaram ali acampados por uma semana até chegar a notícia de que podiam ocupar novamente, pois esta havia sido desapropriada.

O Projeto de Assentamento Invernada das Mulas/Nova Aliança foi adquirido em 01 de fevereiro de 2001 e criado o projeto de assentamento em 30 de Outubro de 2001 (portaria INCRA/SR-11/Nº55/01). A sede comunitária do assentamento fica distante 26 Km do município, contando com uma área total de 1.190,022 ha, sendo 120,3 há de Áreas de Preservação Permanente, 63,72 há de Áreas de Preservação Permanente preservada (mata nativa) e 238 ha de Área de Reserva Florestal Legal e a capacidade do assentamento é de 70 famílias com uma área média das parcelas de 17,0 ha.

O maior grupo de terras do assentamento pertencem as classes IIIe, IIe, IIIa como podemos ver na figura 2 as quais com maior ou menor intensidade permite o uso com culturas anuais. Em relação a capacidade de uso do solo, cultivos em áreas de riscos de erosão exigem medidas de cultivos adequados para evitar a degradação. O assentamento tem um grande potencial para cultivo da Agricultura/solo exposto, em áreas fora de risco, e não protegidas por APP.

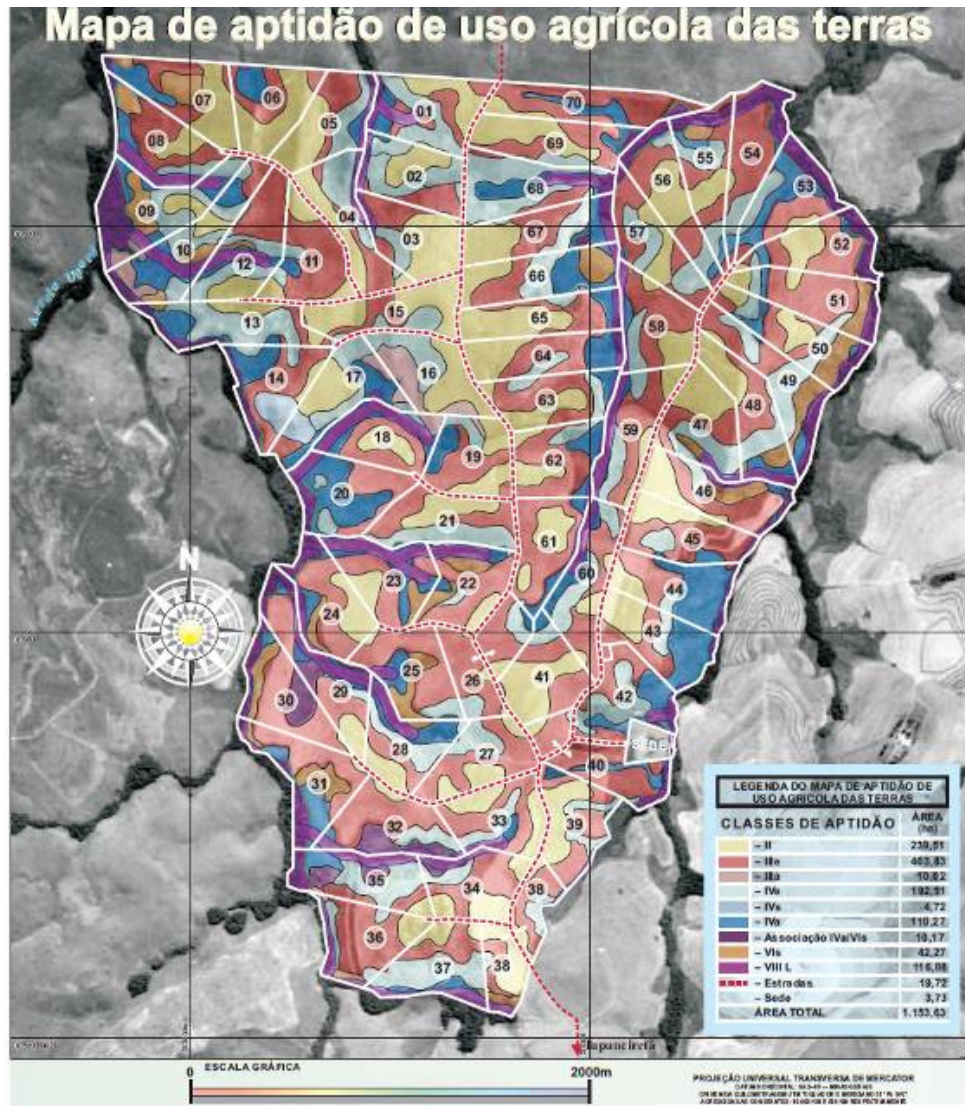


Figura 2 – Mapa de aptidão de uso agrícola das terras do assentamento Invernada das Mulas/Nova Aliança  
 Org: CIDADE, Rodrigo, 2011.

## **3 CARACTERIZAÇÃO DO TRABALHO DE ATES NA ATIVIDADE LEITEIRA**

### **3.1 A bovinocultura leiteira dos assentamentos**

Com a chegada dos assentamentos em Tupanciretã foi necessário pensar em alternativas produtivas que gerassem renda além da produção de grãos característica no município. Assim, no ano de 2002, foi fundada por um grupo de assentados a Coperterra, Cooperativa Regional da Reforma Agrária Mãe Terra, para fazer o recolhimento e comercialização do leite produzido nos assentamentos e por agricultores familiares da região.

A produção de leite foi pautada em todos os PRAs (Plano de Recuperação dos Assentamentos) como uma fonte de renda mensal, uma vez que em 100% dos assentamentos existem famílias trabalhando com a bovinocultura leiteira.

O aumento da produção leiteira que vem ocorrendo nos últimos anos transformou o Rio Grande do Sul no segundo maior produtor de leite do Brasil, com 23% da produção nacional (GOMES, 2001) devido ao grande número de agricultores familiares, pois o leite é uma atividade característica destas pequenas propriedades.

Ao considerar que temos dois períodos históricos distintos, onde em um primeiro momento existia uma economia estatizante-nacionalista que regulava o preço do leite e seus derivados por meio da Comissão Interministerial de Preços (CIP), isso até o final dos anos oitenta; a partir dos anos noventa, com a política neo-liberal, o valor pago pelo leite cru passou a ser regulado pelo mercado, extinguindo-se o controle estatal, provocando a marginalização das cooperativas do mercado do leite, o qual passou a ser dominado pelas empresas globais.

Essa expansão e abertura do mercado levou as grandes empresas optarem por produtores com maiores escalas de produção, os quais recebem os melhores preços penalizando desta forma os produtores classificados como tipo doméstico, com uma produção média diária de 50 litros/dia, onde se enquadram a maioria dos agricultores.

A dificuldade de adequação à instrução normativa 51 e as tendências de mercado trazem novos desafios para atividade, sendo necessário a qualificação da mão de obra e otimização dos recursos existentes no lote, bem como, tecnologias que trabalham a sustentabilidade e a minimização de custos.

### **3.2 O método de Trabalho com as famílias**

O debate construído juntamente com o Projeto Leite Sul, convenio firmado entre o INCRA e a COPTec (Cooperativa de Prestação de Serviços Técnicos), visando incentivar a produção leiteira a base de pasto, e a Coperterra, veio atender a demanda de qualificar o trabalho na bovinocultura de leite, elaborar e sistematizar um processo de formação. A sistematização do trabalho no assentamento geraria informações para realizar o debate sobre aspectos que envolvem a produção leiteira.

A proposta de trabalhar com o assentamento Nova Aliança se deu pelo potencial existente no assentamento, uma vez que cerca de 90% famílias já trabalhavam com a produção leiteira.

Desde a criação do assentamento Nova Aliança, as famílias tiveram uma tendência para produção leiteira. No entanto, devido não ter as condições básicas para a atividade se desenvolver no período formação do assentamento, as famílias tiveram dificuldade na implantação e desenvolvimento da atividade. Com a falta de investimentos básicos na formação do assentamento em obras públicas (energia elétrica, estradas e água), as famílias investiram seus créditos iniciais na atividade agrícola para a produção de grãos priorizando a cultura da soja.

Este cenário evidenciou a necessidade de se construir com as famílias um trabalho que pudesse ajudar a melhorar a atividade leiteira, apesar da demanda não ter partido das famílias do assentamento. Desta forma, a estratégia traçada foi de iniciar o trabalho através de visitas de sensibilização direcionadas para famílias de referência, buscando em seguida fazer uma reunião com as famílias interessadas no trabalho com o leite, e a partir da reunião inicial definir a seqüências do trabalho.

### **3.3 As visitas de Sensibilização**

As visitas direcionadas tiveram o intuito de colocar a temática em pauta com as famílias de referência, motivando-as e a partir delas também atingir, sensibilizar, motivar e mobilizar o maior número de famílias dentro do assentamento, visando primeiramente realizar uma reunião esclarecimento e criação de uma metodologia de trabalho.

As visitas foram realizadas nas famílias que de alguma forma possuíam representatividade, sendo visitados o dirigente do MST, o coordenador da comunidade e os que constituíam algum grupo de trabalho por afinidade ou por parentesco dentro do assentamento.

### **3.4 A reunião para início do Trabalho**

Nesta primeira reunião, foi colocada a necessidade das famílias se apropriarem do processo e ajudarem a construí-lo de forma compromissada e que a presença do técnico seria como um agente para apoiar na sistematização em uma experiência educativa, prática e transformadora, a qual envolveria o processo de aprendizagem e socialização de experiências, e apesar de o trabalho ter uma natureza técnica e tecnológica, o mesmo não se desvincularia do debate das questões organizacionais, institucionais e sociais.

A proposta era que, no decorrer das reuniões, se formasse um grupo de produtores de leite e que estes conseguissem, em certa medida, protagonizar o debate sobre questões que envolvesse a produção leiteira dentro do assentamento e de acordo com a necessidade, desenvolver-se ações para suprir as demandas levantadas por eles e pelas demais famílias. Este grupo funcionaria, por exemplo, articulando-se com a assessoria técnica e demais agentes de desenvolvimento para a realização de debates, oficinas, dias de campo, entre outras atividades, elegendo representantes para participar nos espaços institucionais públicos e privados, criando um fluxo de informações e facilitando processos de desenvolvimento do assentamento e da atividade leiteira.

A intenção foi de caracterizar os espaços como de construção de conhecimentos, tendo em vista que, neste processo não existe um começo absoluto e muito menos um fim para essa construção. Segundo Piaget, teremos sempre uma espiral e se algo não afetar o movimento, nossa mente sempre funcionará em termos de esquema prévio; desequilíbrio; assimilação; acomodação e esquema reelaborado.

A valorização da experiência das famílias e a compreensão de que é possível criar e transformar o mundo, colocando-os como sujeitos conscientes, protagonistas e responsáveis individual e coletivamente de suas ações.

Desta forma, na primeira reunião foi tomada a decisão de se realizar um curso que teria a duração de três dias e onde seriam previstas atividades teóricas, práticas e culturais. A reunião debateu também acerca dos assuntos que seriam abordados no curso, e dentro das possibilidades existentes na época, os temas definidos e trabalhados foram o manejo e conservação de solo com enfoque na produção de forragem, os princípios do Pastoreio Racional Voisin e também a realização de um dia de campo num assentamento vizinho, considerado referência na produção leiteira no município.



Figura 3 – Reunião inicial de trabalho

Fonte: Trabalho de campo, 2011.

Org: CIDADE, Rodrigo, 2011.

Outros aspectos debatidos foram sobre a organização do curso, ornamentação do local, equipe da cozinha, definição sobre o espaço cultural no qual



foi passado um filme que tinha em sua temática central a superação das dificuldades.

### **3.5 O Curso sobre a atividade Leiteira**

O tema do manejo e conservação de solo com enfoque em produção de pastagem foi abordado de forma expositiva (palestra) onde foram trabalhados aspectos de pedogenese do solo. A principal mensagem foi a de nunca deixar o solo exposto, mantê-lo com cobertura vegetal para evitar perdas de solo e erosão, fazer a rotação de culturas e consorciação de pastagens, a adoção de adubação verde. Foi demonstrado de forma pratica como avaliar se há ou não compactação do solo observando o crescimento das raízes das plantas e também a diferenciação de um solo fértil “mais rico” de um solo “mais pobre”, através da técnica da água oxigenada utilizada em duas amostras diferentes de solo (onde “fervia mais” era porque demonstrava ter um maior teor de matéria orgânica). Esta prática foi realizada dentro do assentamento, tentando sempre trazer elementos do cotidiano das famílias e estabelecendo um dialogo sobre como estes aspectos aconteciam no lote.

Também foi realizado uma noite cultural de cinema que teve o intuito de mobilizar os jovens e promover um espaço de motivação, lúdico e de reflexão. A temática do filme tratava de superação das dificuldades da vida cotidiana e de nunca desistir, uma fala marcante do filme dizia que “não se pode desperdiçar uma vida por causa de alguns percalços” demonstrando que mesmo na adversidade é possível superar e pensar novas possibilidades.



Figura 4 – Curso do leite- Palestra sobre a pedogênese do solo, orientação de manejo e saída a campo.

Fonte: Trabalho de campo, 2011.

Org: CIDADE, Rodrigo, 2011.

No segundo dia do curso foram abordados os princípios de PRV (Pastoreio Racional Voisin), demonstrando que com estes princípios é possível produzir mais por ha, ter menor custo, incrementar a fertilidade do solo, proteger o meio ambiente, promover uma alta taxa de seqüestro de carbono, ter um balanço energético positivo, produzir alimentos limpos e orgânicos e respeitar o bem estar animal. E também foram tratadas as leis universais do PRV: a lei do repouso, a da ocupação, a do rendimento máximo, e a lei do rendimento regular.



Figura 5 – Curso do leite abordando o tema sobre o Pastoreio Racional Voisin.  
 Fonte: Trabalho de campo, 2011.  
 Org: CIDADE, Rodrigo, 2011.

### 3.6 O Dia de Campo

O dia de campo foi articulado com as famílias do assentamento Nossa Senhora da Conceição para a realização de visitas em três lotes. Na reunião preparatória com as famílias do assentamento Nossa Senhora da Conceição foi esclarecido o intuito do dia de campo, levantando dois aspectos: a valorização do trabalho realizado pelas famílias do assentamento Nossa Senhora da Conceição e mostrar para as famílias do assentamento Nova Aliança uma realidade próxima e possível, demonstrando a viabilidade da produção leiteira.



Figura 6 – Articulação do dia de campo com as famílias do assentamento Nossa Senhora da Conceição.  
 Fonte: Trabalho de Campo, 2011.  
 Org: CIDADE, Rodrigo, 2011.

No dia de campo foram trabalhados aspectos do manejo de ordenha, através de um vídeo, apresentação em power point e posteriormente debate, com o objetivo de problematizar que a ordenha é o momento onde se faz a colheita do trabalho. Diferente da cultura de grãos, onde se realiza uma colheita anual, no leite são feitas duas colheitas diárias, onde os cuidados com a higiene previnem o aparecimento de mamites, tanto as clínicas como as subclínicas, ajudando a minimizar custos.



Figura 7 – Dia de campo- palestra e discussão sobre manejo de ordenha

Fonte: Trabalho de campo, 2011.

Org: CIDADE, Rodrigo, 2011.

Também foi realizada uma demonstração sobre o monitoramento de mamites por meio do teste da caneca de fundo preto e teste da raquete ou CMT ( Califórnia Mastite Teste ) e de como realizar a higiene do pré e pós ordenha, a utilização de papel toalha, o planejamento da ordem de entrada das vacas e o manejo geral com equipamentos e sala de ordenha.



Figura 8 – Demonstração sobre o monitoramento de mamites e cuidados com a ordenha

Fonte: Trabalho de campo, 2011.

Org: CIDADE, RODRIGO, 2011.

Durante o dia de campo foi feita também a visita a duas áreas de pastagem perene de tifton, a primeira com 6 meses de implantação, onde foi possível visualizar o crescimento das plantas e a densidade de plantio e, em uma segunda área, com 6 anos de manejo e com um piqueteamento implementado, demonstrando as características de melhoramento do solo.



Figura 9 – Dia de campo - Pastagem perene de tifton plantada a 6 meses  
Fonte: Trabalho de campo, 2011.  
Org: CIDADE, Rodrigo, 2011.



Figura 10 – Dia de campo - Pastagem plantada a 6 anos e manejada com piqueteamento.  
Fonte: Trabalho de campo, 2011.  
Org: CIDADE, Rodrigo, 2011.



Figura 11 – Dia de campo - Aquisição de mudas

Fonte: Trabalho de campo, 2011.

Org: CIDADE, Rodrigo, 2011.

### 3.7 A Reunião de planejamento

Após a realização do curso e do dia de campo foi marcada uma reunião para a definição da seqüência do trabalho. Neste espaço foi realizada uma discussão e debate sobre os assuntos prioritários para o grupo, tendo em vista o contrato de Ates e que as reuniões no assentamento seriam bimestrais. Da discussão foram levantados seis temas sendo que era necessário priorizar quatro.

Para a priorização dos temas foi utilizado a técnica de colocar os temas em tarjetas e cada participante recebeu seis pedrinhas para então fazer a eleição das prioridades. A votação se deu de forma que cada um pudesse colocar quantas pedras quisesse em cada tema, distribuindo as pedras de acordo com o que achasse prioritário, assim cada participante teria o mesmo peso na tomada de decisão.

Os temas levantados foram: a nutrição do gado leiteiro, o manejo das vacas em lactação, o PRV/piqueteamento, as doenças mais comuns do gado leiteiro, o

manejo de terneiras e o manejo e higiene de ordenha. Dentro destes, foram eleitos em ordem de prioridade a nutrição do gado leiteiro (para o mês de junho), o manejo da vaca em lactação (em agosto), o PRV e piqueteamento (em outubro), e as doenças mais comuns que afetam o gado leiteiro (dezembro). Ficaram de fora dois temas de bastante importância que serão tratados com menos profundidade: o manejo de terneiras e manejo de ordenha.



Figura 12 – Reunião pra definição dos temas

Fonte: Trabalho de campo, 2011.

Org: CIDADE, Rodrigo, 2011.

A ferramenta de votação das pedrinhas em tarjetas foi inspirada na Matriz de Plano de Ação (Geilfus, pág: 185) adaptando a realidade local, permitindo estabelecer prioridades e assim prever ações concretas (como por exemplo o início da implantação de pastagens perenes de verão), e a partir de cada tema que fosse desenvolvido, por meio do debate ,construiria alternativas para os problemas identificados pelos agricultores assentados. O interessante foi que quando se começou o trabalho foram sendo estabelecidos compromentimentos com o desenvolvimento da atividade leiteira e cada reunião foi compreendida como um



espaço de formação construída com a participação de todos e que ao retornarem para seus lotes repensariam as práticas cotidianas sobre a produção leiteira tentando melhorar as condições de trabalho.

É possível ver nas fotos o sorriso dos participantes, mostrando que o dinamismo da atividade agrega outros sentimentos como a alegria, a satisfação e a impressão de “tempo ganho e não de tempo perdido”.

### **3.8 As Reuniões Bimestrais**

A partir das definições tomadas e dentro do planejamento proposto e afirmado pelas famílias foi trabalhado na primeira reunião bimestral o tema da nutrição animal, o qual foi abordado através de uma palestra com posterior debate. Os instrumentos usados para a realização do dialogo foram a apresentação do conteúdo em power point e também por vídeos que mostravam como é o funcionamento do rumem do animal. O fato dos vídeos serem em língua inglesa não foi um impeditivo, pois na medida que o vídeo ia passando eram feitas pequenas pausas para criar o dialogo esclarecendo as duvidas que iam surgindo. Merece destaque o fato de que as imagens despertaram nas pessoas uma visão diferente sobre os animais (no momento da palestra eu brincava que agora eles tinham “visão raio x” pois nos vídeos apareciam os órgãos internos do sistema digestivo de forma translúcida).

Foi debatido a necessidade de se fazer um planejamento da reserva forrageira, pois o período de disponibilidade de pastagem natural está limitado pelas estações do ano e que na transição das pastagens de inverno e verão existe um vazio forrageiro, o qual deve ser suprido com o fornecimento de forragem conservada, seja em pé, ensilada ou mesmo enfardada. Também foi trabalhado a importância do uso de sal mineral para garantir uma nutrição adequada e que os períodos mais críticos de deficiência de sal mineral são as épocas de maior oferta de forragem.

Na segunda reunião, o assunto foi manejo da vaca em lactação, que contou com a participação do grupo de mulheres, existente no assentamento, já que em muitos casos, são elas as responsáveis pela ordenha e o manejo diário com os animais, e geralmente tem um convívio maior com o rebanho, podendo detectar

alterações de comportamento e, se necessário tomar alguma atitude para atendê-los. Nesta reunião foi feita uma apresentação em power point sobre os cuidados no peri-parto, no momento da ordenha, abordando os assuntos de forma investigativa, tentando estimular a curiosidade critica, procurando sempre a razão dos fatos. A postura de reciprocidade ajudou a estimular o debate, enriquecendo-o com relatos de experiências concretas, mostrando que o importante é aprender a pensar para poder agir. O debate focou também o bem estar animal, tentando estabelecer uma postura de respeito com os animais.



Figura 13 – Palestra e debate sobre o manejo da vaca em lactação

Fonte: Trabalho de campo, 2011.

Org: CIDADE, Rodrigo, 2011.

Na terceira reunião foi trabalhado o PRV e o piqueteamento, com enfoque nos custos de produção e implantação do sistema propriamente dito, utilizando-se de experiências práticas de outros municípios onde o sistema já esta implementado, trazendo os relatos das famílias que estão trabalhando com este sistema e demonstrando a possibilidade de aliar a teoria à pratica instigando a consciência critica. Os materiais usados foram apresentações em power point, planilhas de custos e relatos das famílias. Este material foi conseguido por meio de um curso realizado pelo Projeto Leite Sul para melhor capacitar os técnicos do próprio Projeto Leite Sul e os técnicos que compõem as equipes de ATES do estado<sup>4</sup>, o que ajudou a aglutinar informações para melhor conhecer o PRV e conseguir dialogar com as famílias de forma mais concreta e coesa.

<sup>4</sup> O referido curso contou com a presença do professor Luiz Carlos Pinheiro Machado autor do livro Pastoreio Racional Voisin, relatando anos de experiência com o sistema e



Figura 14 – Palestra e debate sobre PRV e custos implantação

Fonte: Trabalho de campo, 2011.

Org: CIDADE, Rodrigo, 2011.

Na seqüência estabelecida para as reuniões, o ultimo tema tratado foi sobre as doenças que comumente acometem o gado leiteiro. O tema foi também abordado na forma de apresentação em power point, estabelecendo um dialogo e a partir do relato das experiências práticas eram levantadas hipóteses (diagnóstico) sobre as doenças no rebanho e quais os procedimentos que poderiam ser tomados.

<b>Atividade</b>	<b>N° de participantes</b>	<b>Local</b>	<b>Data</b>
Visita individual dirigida	15	Assentamento Nova Aliança	Março/2010
Reunião para o inicio do trabalho	11	Assentamento Nova Aliança	Março/2010
Curso sobre a atividade leiteira	33	Assentamento Nova Aliança	Abril/2010
Dia de campo*	9	Assentamento Nossa Senhora da Conceição	Maió/2010
Reunião de planejamento	13	Assentamento Nova Aliança	Maió/2010
Reunião bimestral 1	12	Assentamento Nova Aliança	Junho/2010
Reunião bimestral 2	9	Assentamento Nova Aliança	Agosto/2010
Reunião bimestral 3	15	Assentamento Nova Aliança	Outubro/2010
Reunião bimestral 4	8	Assentamento Nova Aliança	Dezembro/2010

\*no dia de campo contou com a participação das famílias do assentamento Nossa Senhora da Conceição.

Quadro 1 – Atividade realizada, n° de participantes, local e data.

## 4 DISCUSSÃO E AVALIAÇÃO DOS MÉTODOS EXTENSIONISTAS

Na avaliação do processo de trabalho desenvolvido é necessário, antes de tudo, que se tenha clareza a cerca da natureza da problemática em questão. A natureza do tema desenvolvido na prática de extensão sistematizada foi eminentemente de ordem tecnológica, onde o problema colocado se relaciona com as tradicionais barreiras para a substituição dos conhecimentos empíricos ou mágicos dos camponeses por “técnicas elaboradas”. Esta questão que não pode ser compreendida como um simples processo de transferência ou substituição de conhecimentos, mas de um complexo processo que requer a compreensão dos elementos de ordem antropológica, epistemológica e estrutural envolvidos.

A perspectiva de se colocar em prática um trabalho de educação popular, no sentido freireano, implica em ter como objetivo fundamental a problematização do homem com o mundo e vice versa, para possibilitar que aprofunde a sua tomada de consciência da realidade da qual faz parte. Desta forma, o trabalho educativo com as famílias assentadas, mesmo no campo tecnológico, não pode ser um treinamento ou adestramento, pois desta forma pouco contribuiria para uma apropriação crítica que as impulsionasse para sua e para a transformação humanizante de seu meio.

A tentativa simultânea da capacitação técnica e a superação de um conhecimento preponderantemente sensível, ou seja, que não condiz com a realidade, por um conhecimento que partindo do sensível alcance a razão da realidade, por vezes não consegue quebrar o que chamamos de senso comum, no caso da superação da técnica “convencional” ou do “modelo tecnológico dominante”, para uma ação que leve para a razão dos fatos e para a autonomia de trabalho.

Desta forma, a concepção a cerca do trabalho educativo (formativo) com os assentados orientou o processo de escolha das ferramentas utilizadas e orienta a análise do trabalho realizado, avaliando os potenciais e as limitações que foram vivenciadas no emprego das visitas individuais para sensibilização, da reunião inicial de trabalho, do curso sobre o leite, do dia de campo e das reuniões bimestrais.

O processo de sensibilização por meio das vistas individuais dirigidas oportunizou que se estabelecesse um dialogo inicial sobre a proposta de trabalho, mostrando a importância da participação na construção do processo. No momento

das visitas, as famílias se mostraram abertas ao diálogo e dispostas a ajudar a construir com as demais famílias do assentamento os espaços para o diálogo coletivo. Nesta oportunidade, também foi possível fazer um diagnóstico rápido sobre a atividade leiteira, debatendo as dificuldades encontradas na atividade.

Em relação ao objetivo central, de que as famílias visitadas dialogassem com os vizinhos e demais famílias do assentamento, acabou não ocorrendo da forma desejada. Esta estratégia foi fragilizada na medida em que as relações entre as famílias estão marcadas por divergências internas de natureza histórica e, neste sentido, na reunião inicial de trabalho participaram essencialmente as famílias que foram visitadas diretamente.

Na primeira reunião realizada foi necessário romper com a ideia de que as reuniões serviriam somente para a liberação de crédito. Essa “cultura” criada em torno do crédito esteve presente durante todo o processo de trabalho. Existia no assentamento uma percepção de que em função do atual estágio de endividamento das famílias, provocado em grande parte pelo modelo tecnológico favorecido pelo PRONAF, de que somente o crédito poderia “salvar-las” sendo inútil debater questões ligadas a produção, já que não conseguiriam investir na atividade por falta de recursos ou acesso ao crédito. Assim, em meio a esta dificuldade, foi possível organizar um pequeno grupo que ajudasse na construção do curso e com o avanço do debate foi possível definir a data, local, temáticas, caráter do curso, equipe da cozinha, equipe da ornamentação e assessores.

O curso foi realizado com um número maior de participantes, reflexo da reunião inicial de trabalho, demarcada pela seriedade e comprometimento gerado no debate. Nos dias de realização do curso foi possível perceber que as famílias identificaram o mesmo como um espaço de formação importante, reconheceram também a importância do envolvimento na condução do processo de construção do trabalho. Pequenos detalhes, como a ornamentação e o espaço cultural, acabaram por se mostrar como importantes, pois ajudaram a caracterizar e resgatar um pouco do histórico do MST, trabalhando com a mística do ambiente. O espaço cultural contou com a presença dos jovens, mobilizando toda a família, os temas também foram considerados importantes e pertinentes. O curso acabou se mostrando uma ferramenta importante no início do trabalho, colocando as temáticas em evidência e deixando a proposta de continuidade e aprofundamento do que havia sido tratado.

O curso somente foi possível com o apoio do Projeto Leite Sul já que no contrato estabelecido com a ATES não está previsto cursos desta natureza, por este fato o curso foi utilizado como o “ponta pé inicial” e motivador para a seqüência de trabalho.

O dia de campo mostrou-se a ferramenta mais importante e motivadora para os assentados, abordando aspectos teóricos e práticos de uma realidade próxima às famílias, permitindo uma análise, por meio da observação dos participantes, das questões econômicas, sociais e ambientais. Deste modo alcançou o objetivo de promover a interação entre as famílias trocando experiências e oportunizando a realização de comparações, divulgando práticas, tecnologias e esclarecendo dúvidas.

O ditado popular “ver para crer” se aplicou bem neste caso e ajudou na reflexão da prática cotidiana de trabalho, muito bem explicitado na fala de um dos participantes: “estamos fazendo tudo errado”, referindo-se sobre a implantação de pastagens perenes e analisando os custos de produção, já que no lote ele trabalhava somente com pastagem cultivada de verão e campo nativo.

Na reunião de planejamento foi utilizado uma ferramenta inspirada na Matriz de Plano de Ação de Geilfus (Geilfus, pág:185), adaptada à realidade local, garantindo que todos tivessem o mesmo peso na hora da tomada de decisão e garantindo que cada assunto tratado fosse de fato uma prioridade para a maioria dos participantes. Uma reflexão advinda do uso desta ferramenta é a criação de uma interação dinâmica para que haja um comprometimento entre os agentes fomentadores do debate e as famílias participantes. A princípio, a reação dos participantes foi de que isso não era necessário, mas com o desenvolvimento do processo ficou claro que se tratava de uma decisão coletiva e representativa e isso acaba se refletindo na legitimidade do conjunto. Um trabalho didático e pedagógico baseado no prazer, na vivência e na participação em situações reais e imaginárias, onde através de técnicas de dinâmica de grupo, jogos dramáticos e outros, os participantes conseguem, por meio de fantasia, trabalhar situações concretas. Nesse sentido, “participar de um processo de mobilização social é uma escolha, porque a participação é um ato de liberdade. As pessoas são chamadas, convocadas, mas participar ou não é uma decisão de cada um. Essa decisão depende essencialmente das pessoas se verem ou não responsáveis e como capazes de provocar e construir mudanças” (TORO e WERNECK, 2004, p.13).

Nas reuniões bimestrais, apesar dos temas serem diferentes, o método de abordagem foi o mesmo, trabalhando os temas de forma investigativa e dialogando com os participantes a partir de relatos de experiências concretas. Foi importante a periodicidade das ações, pois permitiu dialogar com as famílias sobre os avanços na atividade e as dificuldades encontradas.

Na avaliação do conjunto do trabalho, as famílias consideraram um trabalho importante, ajudando na tomada de decisão sobre o que fazer sobre a atividade, segundo o relato de um dos dirigentes da Coperterra “as famílias começaram a identificar a atividade leiteira como uma alternativa de renda interessante”.

O desenvolvimento da atividade leiteira requer um trabalho de bastante complexidade e cheio de detalhes, sendo que as atividades de extensão iniciadas com as famílias não tiveram o intuito formar especialistas em leite e sim, por meio do diálogo e de técnicas, despertar uma postura nas mesmas pela busca da razão dos fatos.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A constatação de que não é fácil e nem simples a realização de um trabalho de construção do conhecimento técnico com a participação das famílias assentadas, historicamente marcadas pela exclusão social e pela exploração, pode a princípio parecer simplista. Entretanto, a imposição de um modelo tecnológico atrelado ao agronegócio, amplamente divulgado pelos meios de comunicação e por diversos programas governamentais, somado aos investimentos massivos das grandes empresas capitalistas nacionais e estrangeiras, transformou agricultor em um simples fornecedor de matéria prima para as indústrias.

O crédito rural se transformou numa ferramenta para subordinar o agricultor a essas tecnologias e a assistência técnica quase sempre contribui para a expansão desse processo, já que é ela que faz a relação direta com os agricultores.

Esse comportamento acabou gerando a perda gradativa da capacidade dos agricultores decidirem, como grupo familiar e com os outros camponeses, o que, como, onde, quanto, quando produzir ou o que será destinado para o autoconsumo ou para o mercado. Com a perda desta autonomia surgem outros aspectos importantes, pois essa relação não só influenciou economicamente as famílias mas, sobretudo ideologicamente, aflorando o sentimento individualista e competitivo, valores muito caros à racionalidade capitalista.

Nesse contexto, mesmo que o profissional tenha uma postura educativa de moderador e incentivador popular, repartindo conhecimentos e buscando um diálogo interdisciplinar, são necessárias ações concretas que resolvam os inúmeros e sérios problemas que impedem o desenvolvimento de uma área reformada. Estas ações necessitam criar as condições para que as famílias tenham uma vida digna, considerando o assentamento de reforma agrária não só como um local onde se produz, mas também um lugar onde as pessoas vivem.

A precariedade dos serviços prestados pelo INCRA contribui para o atraso deste desenvolvimento, a demora na definição dos lotes, a demora na liberação dos créditos iniciais, a precariedade das moradias e das estradas, a falta de rede de água, a demora na construção da rede elétrica, a ausência de serviços sociais básicos como saúde e educação, a falta de fiscalização sobre irregularidades, falta



de apoio logístico e a terceirização de serviços foram questões frequentemente levantadas pelas famílias durante o desenvolvimento do trabalho.

Em meio as estas dificuldades, o profissional extensionista que atende estas famílias necessita ser dinâmico, sendo preciso uma ação humanizante, tentando elevar o nível de consciência e buscando tecnologias e métodos que contribuam para o desenvolvimento coletivo e individual. Desta forma, a utilização de ferramentas adequadas, que envolvam as famílias, são de extrema importância e possibilitam ao profissional, dentro de sua competência, ir ao encontro das necessidades reais e de criar, com as famílias, o método de trabalho. Apesar da literatura já referenciar as diversas possibilidades e instrumentos metodológicos, a experiência desenvolvida demonstrou que o diferencial no uso destas ferramentas é a sua forma de aplicação por parte do técnico, como citado anteriormente, buscando uma postura dialógica e humanista.

A sistematização da experiência evidenciou o tamanho do desafio colocado aos extensionistas no trabalho da ATES, e a eficácia desta tarefa está relacionada ao grau de amadurecimento ou da experiência dos assentados na temática abordada, sendo desta maneira, muito difícil definir o tempo ou mesmo, o número de atividades a serem desenvolvidas, por conta da particularidade de cada local e população assistida.

Por outro lado, é possível perceber que são necessárias ações integradas, que envolvam as esferas públicas em nível local, estadual e federal, as instituições de ensino, pesquisa e extensão, as organizações dos agricultores e demais atores e instituições que de uma forma ou de outra estão envolvidos nos desdobramentos e na solução das ações executadas pelos extensionistas da ATES, para que o trabalho dos mesmos não fique apenas na boa intenção, mas que gere de fato o desenvolvimento local. Nesta perspectiva, de que o extensionista deverá gerar e acompanhar os processos de desenvolvimento rural, que se apresentam de forma muito distintos e particulares em função da realidade de cada assentamento, cabe o questionamento se isto é possível através da atual orientação do trabalho de ATES pelas metas contratuais, que se resumem à realização de atividades pontuais. De outra forma, a pergunta é sobre possibilidade de gerar e/ou acompanhar processos de desenvolvimento através da execução de atividades pontuais (oficinas, visitas, unidades demonstrativas) e padronizadas para os diferentes contextos.

## REFERENCIAS

AGUIRRE.F, DELPIANO.A, REY.D, BECA .C.E. **La asistencia Técnica: Propuesta Metodológica Para el Trabajo con Produtores Campesinos.** Departamento de Accion Rural del Obispado de Linares. Instituto de Promocion y Desarrollo de Concepción ( INPRO-DE) Iglesia Metodista; Departamento de Acción Social del Obispado de Temuco; Oficina Promotora del Desarrollo de Chiloé (OPDECH).

COELHO, FRANCE MARIA GONTIJO. **A arte das orientações técnicas no campo: concepções e métodos** - Viçosa: Ed. UFG, 2005.

FREIRE, P. **Extensão ou comunicação?** 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. 93 p.

GIRARDI,E.P.**Atlas da Questão Agrária e Cartografia Geográfica Crítica.** 2009

GOMES,S.T. Matrizes de restrições ao desenvolvimento do segmento da produção de leite na Região Sul. In: Vilela, D., Bressan, M., Cunha, A. S. ed. **Cadeia de lácteos no Brasil:** restrições ao seu desenvolvimento. Brasília: MCT/CNPq, Juiz de Fora: Embrapa Gado de Leite, 2001. P.252-256  
MORISSAWA, Mitsue. **A história da luta pela terra e o MST.** São Paulo: Expressão popular, 2001.

HORACIO MARTINS DE CARVALHO. **De Produtor Rural Familiar A Camponês. A Catarse Necessária.** Disponível em: [www4.fct.unesp.br/nera/artigodomes/3artigodomes\\_2009.pdf](http://www4.fct.unesp.br/nera/artigodomes/3artigodomes_2009.pdf)>. Acesso em: 21 de julho de 2011.

IBGE. **Banco de dados:** cidades. [Brasília, 2008]. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>>. Acesso em: 10 julho. 2011.

IBGE. **Censo Agropecuário 2006.** [Brasília, 2006]. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/agropecuaria/censoagro/2006/default.shtm>>. Acesso em: 10 julho. 2011.

IBGE. **Contagem da População 2007.** [Brasília, 2007]. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/contagem2007/default.shtm> >. Acesso em: 10 julho. 2011.

INSTITUTO NACIONAL DE COLONIZAÇÃO E REFORMA AGRÁRIA DO RIO GRANDE DO SUL. **Projeto Básico visando a licitação para a Prestação de Serviços de Assessoria Técnica, Social e Ambiental (ATES), e elaboração de PDA ou PRA para as famílias assentadas no Estado do Rio Grande do Sul.** Porto Alegre: INCRA/RS, 2008. Disponível em: <http://www.comprasnet.gov.br/>. Acesso em: 10n de julho de 2011.

MACHADO, LUIZ CARLOS PINHEIRO. **Pastoreio Racional Voisin: Tecnologia para o Terceiro Milênio**, São Paulo, Expressão Popular, 2010, 376p.

MORISSAWA, Mitsue. **A historia da luta pela terra e o MST**. São Paulo: Expressão popular, 2001.

RUAS, ELMA DIAS. **Metodología Participativa de extensão rural para o Desenvolvimento Sustentable. MEXPAR**. Belo Horizonte, março 2006 ,134p.

SAUER, S. Lutas políticas agrárias e recentes. In: **A questão agrária e urbana no Brasil**. Câmara dos deputados – Brasília, 2007.

STEDILE, J. P.; FREI SÉRGIO GORGEN. **A luta pela terra no Brasil**. São Paulo: Ed Pagina Aberta, 1993. 118p.

TORO, José Bernardo & WERNECK, Nísia Maria Duarte. **Mobilização social: um modo de construir a democracia e a participação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

VERDEJO, M. E. **Diagnóstico Rural Participativo: guia prático DRP**. Brasília: MDA/ Secretaria da Agricultura Familiar, 2006.

## **ANEXOS**

## ANEXO 1 – Perguntas norteadoras da entrevista semi-estruturada

### Perguntas norteadoras da entrevista semi-estruturada

#### A-definição do local para execução do trabalho.

Objetivo-estabelecer juntamente com a equipe técnica da coptec, técnico do convenio leite sul e com a coperterra qual o assentamento seria priorizado o trabalho identificando potenciais e limitações .

Construir uma equipe de trabalho entre a coptec, leite sul e coperterra.

# nesta fase foi realizado um longo debate para que o assentamento nova aliança fosse o local para a realização don trabalho.

# é um assentamento onde existe um grande potencial para o desenvolvimento da bacia leiteira.

# a produção leiteira ainda está na fase inicial.

1- A definição de se trabalhar com um assentamento especifico foi importante ?

sim ( ) não( )

# porque ?

Antes de morar no assentamento:

Antes de vir para Tupanciretã, onde morava? O que fazia?

Objetivo- mobilizar o maior numero de famílias pra a participarem do grupo do leite.

Foram realizadas visitas individuais para mobilizar outras familias e também foi realizado uma reunião para definição de como seria realizado o curso.

#### Na reunião foram tomadas as definições de que forma o curso funcionaria.

1-Você ficou sabendo da reunião para definir sobre a realização do curso?

Sim ( ) não ( )

2-Você ficou sabendo do curso promovido pela COPTEC e leite sul?

Sim ( ) não ( )

3-Você foi visitado pelo técnico?.

Sim ( ) Não( )

4-Como ficou sabendo do curso?

Pelo técnico de ates ( ) pelo vizinho ( ) outro ( )

5- Você sabia o que ia ser tratado no curso?

Sim ( ) Não ( )

6- Qual o motivo que o levou a participar do curso

#### B-Sensibilização

Objetivo - mobilizar o maior numero de famílias pra a participarem do grupo do leite.

Foram realizadas visitas individuais para mobilizar outras famílias e também foi realizado uma reunião para definição de como seria realizado o curso.

Na reunião foram tomadas as definições de que forma o curso funcionaria.

1- Você ficou sabendo da reunião para definir sobre a realização do curso?

Sim ( ) não ( )

- 2- Você ficou sabendo do curso promovido pela COPTec e leite sul?  
Sim ( ) não ( )
- 3- Você foi visitado pelo técnico?  
Sim ( ) Não ( )
- 4- Como ficou sabendo do curso?  
Pelo técnico de ates ( ) pelo vizinho ( ) outro ( )
- 5- Você sabia o que ia ser tratado no curso?  
Sim ( ) Não ( )
- 6- Qual o motivo que o levou a participar do curso

### **C- O curso do leite.**

Objetivo- teve dois intuits, utilizar o curso como ponto inicial para a consolidação do grupo do leite, e fortalecer o debate sobre a atividade leiteira abordando temas pertinentes a atividade como por exemplo manejo e conservação de solo, introdução ao PRV, anatomofisiologia da glândula mamaria e prevenção de mamites.

Sobre a mobilização das famílias, importância e organização do curso.

- 1- Curso ajudou mobilizar as famílias para a formação do grupo do leite?  
Sim ( ) Não ( )
- 2- Os temas abordados ajudaram no trabalho?  
Sim ( ) Não ( )
- 3- Foi importante a ornamentação do espaço?  
Sim ( ) Não ( )
- 4- O curso foi bem organizado  
Sim ( ) Não ( )
- 5- Alimentação estava boa?  
Sim ( ) Não ( )
- 6- O filme utilizado no espaço cultural foi proveitoso?  
Sim ( ) Não ( )
- 7- Você se lembra das entidade que participaram do curso.  
Não ( ) Sim ( ) Quais.....  
A participação/articulação delas foi importante, Porque?  
Lembranças do Conteúdo tratado:

### **Conservação e manejo de solo com enfoque em produção forragem.**

- 1- Você sabe o que é Rotação de Culturas?:  
Sim ( ) Não ( )
- 2- Por que se recomenda fazer?.....
- 3- O produtor que plantar, em uma mesma área, soja no verão e trigo no inverno, está fazendo rotação?  
Sim ( ) Não ( ) Por que?.....
- 4- Você faz rotação de cultura?  
Sim ( ) Não ( )
- 5- Que tipo de cultura você utiliza para fazer a rotação?
- 6- Você faz consorciação de pastagem? Qual?
- 7- Você acha importante manter cobertura vegetal no solo? Porque ?
- 8- Como você define um solo fértil?

### **Sobre a anatomofisiologia da glândula mamaria e prevenção de mamite?**

- 1- Já ouviu falar em mamite  
Sim ( ) Não ( )
- 2- Como o Sr (a). define o que é mamite?
- 3- Já teve caso e mamite no seu rebanho?  
Sim ( ) Não ( )
- 4- A mamite causa prejuízos econômicos?  
Sim ( ) Não ( )
- 5- O que você faz para prevenir a mamite?

### **Sobre o PRV**

- 1- Já ouviu falar em PRV  
Sim ( ) Não ( )
- 2- Como explicaria o PRV para alguém?
- 3 -Porque utilizar o PRV?
- 4 - É necessário ter água e sombra disponível em todos os piquetes ?
- 5- Sobre as leis do PRV, como você explicaria :  
Lei do repouso?  
Lei do rendimento máximo?  
Lei do rendimento regular?  
Lei da ocupação?
- 6- Você usa o PRV em seu lote?  
Sim ( ) Não ( )  
Se não, por que.....
- 7 – Pretende utilizar  
Sim ( ) Não ( )
- 8- Quais são as condições para utilizar.....
- 9 – Se utiliza o PRV, identificar no que ele melhorou o desempenho da atividade no lote

### **D- Dia de campo**

Objetivo- O dia de campo teve o intuito de propiciar a troca de experiência entre as famílias assentadas, valorizando o assentamento visitado e demonstrando as experiências existentes. E abordagem de temas que são pertinentes a atividade leiteira. Como implantação de pastagem perene de verão de tifton, visitando pastagens implementadas em diferentes épocas, demonstração e debate sobre manejo de ordenha.

### **Sobre o dia de campo**

- 1- Participou do dia de Campo?  
Sim ( ) Não ( )
- 2- Porque você decidiu participar do dia de campo (ou não participar)?
- 3- Foi importante visualizar outras experiências? Por que?
- 4- O que você acha que foi mais importante no dia de campo?
- 5- Porque você decidiu participar do dia de campo?

### **Sobre a visitação nas áreas com pastagem perene de tifton.**

- 1-Você já conhecia o **tifton**?
- 2-Que tipo de pastagem é o Tifton?
- 3-A pastagem perene de verão é uma boa estratégia para oferecer matéria verde para os animais ? Por que?
- 4-Depois do dia de campo você plantou algum tipo de pastagem perene de verão? Qual? Por que escolheu esta?
- 5-O que você acha mais difícil na implantação de pastagens perenes?

### **Sobre o debate de manejo de ordenha**

- 1- Voce sabe o que é o CMT / teste da raquete?  
Sim ( ) Não ( )
- 2- Porque se despreza os três primeiros jatos de leite em caneca de fundo preto?
- 3- Você já utilizou o CMT / teste da raquete ?
- 4- Como você organiza a ordem de entrada das vacas no momento da ordenha?

### **E – Reuniões bimestrais**

Objetivo - estabelecer um cronograma de trabalho abordando temas pertinentes a atividade leiteira, porem que estes temas fossem definidos pelos integrantes do grupo. Utilização de material para visualização e concentração do debate no tema leiteiro, por meio do power point e vídeos.

A ordem de prioridade de temas foi a nutrição do gado leiteiro, manejo das vaca em lactação, PRV e piquetamento , as doenças comuns que afetam o gado leiteiro.

### **Sobre os temas**

Participou das reuniões

Sim ( ) Não ( )

1-Lembra de quantas?

2-Lembra os assuntos tratados?

Sim ( ) Não ( )

3-De quais lembra?.....

4- Qual foi para o Sr(a). o mais importante?

Sobre o que foi discutido sobre os temas :

5- A nutrição do gado leiteiro:.....

6- E sobre o manejo das vaca em lactação:.....

7-Sobre o PRV e piquetamento: .....

8-Sobre as Doenças comuns que afetam o gado leiteiro:.....

9-Você acha que estes temas abordados ajudaram a melhorar sua atividade?

10-A forma que eles foram definidos foi legitima?

11-Você acha que o grupo se comprometeu com o processo?

12-O que você achou que foi mais importante nas reuniões bimestrais?